

Saudações queridos catequistas do Estado de São Paulo.

Somos a Sub-Região Sorocaba do Regional Sul 1 da CNBB composta pela Arquidiocese de Sorocaba, e pelas dioceses de Registro, Itapetininga, Itapeva e Jundiaí. Apresentaremos os números 194-223 e 359-372 do novo Diretório para a Catequese, que versam sobre: os aspectos metodológicos da catequese e sobre a iniciação cristã na era digital – A fim de não ser algo superficial, dividimos nosso estudo em duas partes. **Hoje falaremos sobre a Memória, a linguagem da fé e o espaço da catequese (não deixe de acompanhar o vídeo que elaboramos sobre esta tem)**. Esperamos que o presente estudo contribua para a sua formação. Vale ressaltar que é um texto que não exclui a leitura do próprio documento.

### **1. A MEMÓRIA (Cf. n.201-203)**

A este propósito, é importante lançar mão da categoria de memória. A memória/anamnese é uma dimensão constitutiva da história salvífica. A categoria memorial é fundamental para entender a relação entre o mistério de Deus e o mistério da gente. O cristão deve sempre rememorar o modo e a circunstância em que Deus entrou em sua vida como acontecimento salvífico. Em sua grande singeleza e sutilidade, a catequese nos remete, ou, deveria nos remeter à memória do próprio caminho, a leitura das próprias raízes, de modo a ajudar o crente a sentir-se parte da História de Salvação.

A catequese faz parte da *anamnese* da Igreja que mantém viva a presença do Senhor. Mas, para que esta seja eficaz, precisa ser continuamente atualizada. Tal exercício de entrega da fé – *traditio* – exige a resposta do interlocutor que, ao longo do caminho catequético e, depois, na vida mostrará a recepção deste conteúdo da fé – *redditio*. Não se subtraia, portanto, aquele contínuo percurso em que se torna evidente o valor e a explicação da Profissão de fé, como de outros textos da Sagrada Escritura, da liturgia e da piedade popular; além do mais, que se conduza a internalização até mesmo daquele conteúdo imediato, que faz parte do patrimônio comum dos crentes.

### **2. A LINGUAGEM DA FÉ E DAS CULTURAS (Cf. n.204-217.359-372)**

A catequese enquanto ação pedagógica que se articula nas linguagens dos sujeitos e que, ao mesmo tempo, é portadora de uma linguagem específica, necessita encontrar meios adaptados para a transmissão da fé às novas gerações (inculturação). Esta, por certo, não pode deter-se unicamente no ensino dos costumes, fórmulas ou práticas religiosas. Em primeiro lugar, está a relação de proximidade, encontro e diálogo com Jesus Cristo. Tão somente poderá comunicar aquilo que lhe é de direito: a fé através da Sagrada Escritura (linguagem bíblica), símbolos e ritos litúrgicos (linguagem simbólico litúrgica), escritos dos Santos Padres, Símbolos da fé, formulações do Magistério (linguagem doutrinal) e o testemunho dos Santos e dos Mártires (linguagem performativa).

Ainda vale ressaltar que, a prática catequética, no seu todo, deverá se concentrar numa nova experiência da linguagem. A linguagem litúrgica, narrativa, artística e digital carece de novos sinais, novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra.

#### **Catequese e cultura digital**

Em se tratando de linguagem, chegamos a um desafio inédito, superdimensionado na pandemia do novo Coronavírus: transmitir a fé cristã em tempos de cultura digital. Os catequistas em sua maioria, não nascemos na era digital, mas nos vemos obrigados a ela emigrar e reconhecer que, hoje, os meios digitais são lugares para a Evangelização, pois, toda a vida humana, em grande parte está presente neste meio, que está a impor-se como uma nova cultura, modelando a mentalidade e reelaborando as hierarquias de valores.

Reconhecemos que o surgir deste novo momento histórico trouxe muito progresso aos povos. Contudo, os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas.

Os nascidos nesta era – nativos digitais – consideram as tecnologias como um elemento natural não sentindo qualquer desconforto em utilizá-las e interagir com elas, parecem privilegiar mais a imagem do que a escuta, a capacidade intuitiva/narrativa e emotiva do que analítica/argumentativa. Cada vez mais reconhecem as redes sociais como os principais agentes de socialização, chegando quase a substituir os tradicionais como a família, a Igreja e a escola.

No processo do anúncio do Evangelho, a Igreja é chamada a acompanhar as novas gerações na busca da sua autonomia, refletir sobre a peculiar modalidade de procura de fé e, por conseguinte, a atualizar as suas modalidades de anúncio do Evangelho para a linguagem das novas gerações (inculturação no continente digital), fazendo o caminho que vai da informação religiosa ao acompanhamento e à experiência de Deus, convidando-as a criar um novo sentido de pertença comunitário, que inclua e não se esgote naquilo que elas experimentam na rede; mas também é verdade que a ação eclesial deve dar a conhecer as possíveis ambiguidades de uma linguagem sugestiva, mas pouco comunicativa da verdade. A verdadeira questão não é como utilizar as novas tecnologias para evangelizar, mas como se tornar uma presença evangelizadora no continente digital.

A catequese é personalizada, mas nunca um processo individual: haverá que fazer a transição do mundo individualista e isolado das redes sociais para a comunidade eclesial, lugar em que a experiência de Deus se torna comunhão e partilha de experiências. É bom que as comunidades se comprometam não apenas a enfrentar este novo desafio cultural, mas também a corresponder às novas gerações com os instrumentos que já são de uso comum na didática. É uma prioridade, também para a catequese, educar para o bom uso destes instrumentos e para uma compreensão mais profunda da cultura digital, ajudando a discernir os aspetos positivos dos aspetos ambíguos.

Diante do exposto, a realidade virtual nunca poderá substituir a realidade espiritual, sacramental e eclesial vivida no encontro direto entre as pessoas, é necessária uma comunicação autêntica, fruto de uma interação real entre as pessoas. Só assim se evitará uma virtualização da catequese que se arrisca a tornar a ação catequética fraca e sem influência.

### **3. O ESPAÇO (Cf. n. 221-223)**

Após todo este percurso, a metodologia leva-nos a indagar a constituição do espaço catequético. Todo espaço é comunicativo. Na vida de uma comunidade, a par do espaço dedicado à liturgia, são importantes também os lugares para o apostolado e a formação cristã. Estes ambientes, constituem-se em espaços abertos, lugares através dos quais a comunidade exprime o seu modo de comunicar a fé. É necessário que sejam acolhedores e simbólicos, constituídos num clima de familiaridade e que favoreçam um envolvimento sereno nas atividades comunitárias conduzindo ao Mistério (espaços mistagógicos). Ao contrário do que tratamos, ambientes difusos, que fazem lembrar as estruturas escolares, não constituem os melhores lugares para a realização das atividades catequéticas. Por isso, é bom que se proceda a uma adequação desses espaços, uma vez que influenciam na receptividade da fé e no relacionamento do ser humano com Deus.

Como se quer transmitir uma mensagem viva e verdadeira, devem ser estimuladas as tentativas de uma catequese em lugares descentrados em relação aos da comunidade cristã. Esses espaços de catequese ocasional, no fundo, são lugares propícios para educar o fiel na fé e fazê-lo experimentar o mistério divino que ali se esconde.

Fazemos votos que estas linhas possam servir verdadeiramente de ajuda e de apoio e sejam um texto propedêutico ao estudo do Diretório para a Catequese. Em Cristo Jesus, Sub-Região de Sorocaba.



Saudações queridos catequistas do Estado de São Paulo.

Somos a Sub-Região Sorocaba do Regional Sul 1 da CNBB composta pela Arquidiocese de Sorocaba, e pelas dioceses de Registro, Itapetininga, Itapeva e Jundiaí. Apresentaremos os números 194-223 e 359-372 do novo Diretório para a Catequese, que versam sobre: os aspectos metodológicos da catequese e sobre a iniciação cristã na era digital – A fim de não ser algo superficial, dividimos nosso estudo em duas partes. **Hoje falaremos sobre a relação entre conteúdo e método, catequese experiencial e a importância do grupo (não deixe de acompanhar o vídeo que elaboramos sobre esta tem)**. Esperamos que o presente estudo contribua para a sua formação. Vale ressaltar que é um texto que não exclui a leitura do próprio documento.

#### **4. A RELAÇÃO CONTEÚDO-MÉTODO (Cf. n.194-196)**

O mistério da encarnação é paradigma de toda ação catequética. Em Jesus, Deus encarnou-se, tornou-se um de nós, assumindo a história concreta do seu povo e suas vicissitudes, nos abriu uma estrada rumo ao seu Céu, rumo à plena comunhão com a Trindade Santa.

Mas o que isto significa para o desenvolvimento da pedagogia catequética? Ora, isto serve para nos dizer que toda promoção catequética que se preze deve atingir o homem na sua realidade concreta e em qualquer situação em que se encontre. Sem fidelidade e escuta criativa, a Deus e ao homem, a Iniciação à Vida de Cristo, se transvestirá de pura neutralidade.

Faz-se necessário, então, uma nova relação entre método, parte mutável da catequese, pois leva em conta as circunstâncias de cada batizado, e o conteúdo, parte imutável, objeto da fé. Assim, a catequese está aberta à valorização de métodos diversos. Apoiando-se em novas formas pedagógicas e didáticas, e deixando-se guiar pelo Evangelho de Jesus Cristo, conteúdo perene da Igreja, o esforço catequético resguardará a verdade do homem que não pode ser fracionada.

Para tanto, é necessário um exercício de discernimento para poder examinar tudo e reter o que é bom e aquilo que é mais centrado no fato da vida e mais orientado para a mensagem da fé.

#### **5. A EXPERIÊNCIA HUMANA (Cf. n.197-200)**

Tudo isso nos leva a compreender a profunda verdade de que a pessoa e a história não são apenas destinatários da proposta catequética, mas interlocutores reais de uma relação de reciprocidade e diálogo. Por certo, a experiência humana permanece como mediação prioritária da autodoação de Deus em Jesus Cristo e da catequese. E não só, todos precisamos redescobrir a beleza da experiência humana na transmissão da fé.

É precisamente assim que se deve transmitir a fé: comunicando aquelas experiências humanas mais salutares, reconhecendo nelas a presença de Jesus Cristo que, serviu-se de experiências e situações reais para apontar realidades transcendentais (observemos seus ensinamentos em forma de parábolas). Se a catequese negligenciar a interdependência entre a experiência humana e a mensagem revelada, incorre em incompreensões da Verdade.

#### **6. O GRUPO (Cf. n. 218-220)**

A catequese é comunitária e social. Assim, a comunidade cristã é o agente primário da catequese e o seu fim. Por esta razão, a pedagogia catequética deve canalizar todos os esforços para fazer compreender a importância da comunidade enquanto espaço fundamental para o crescimento total dos iniciados à fé. A par do anúncio do Evangelho em forma comunitária, a comunicação da fé exigirá sempre o contato de pessoa a pessoa. Trata-se de uma ação conjunta entre os indivíduos e a

comunidade de fé. O grupo é importante nos processos de formação das pessoas. Para as crianças, a experiência comunitária ajudará na socialização; para os jovens, na criação de relações autênticas; para os adultos desenvolverá a corresponsabilidade na Igreja e na sociedade e a experiência de partilha. Cada dinâmica de grupo tem o seu vértice na assembleia dominical.

Além do que se observou, a educação integral na fé, através da catequese, precisa reavivar a consciência das realidades sociais, com as suas próprias dinâmicas e leis de crescimento. Afinal, não é possível propor uma catequese alheia às periferias geográficas e existenciais. Somente assim se chegara aquele amadurecimento e disponibilidade para o serviço, especialmente dos mais pobres, e para o testemunho no mundo.

Fazemos votos que estas linhas possam servir verdadeiramente de ajuda e de apoio e sejam um texto propedêutico ao estudo do Diretório para a Catequese. Em Cristo Jesus, Sub-Região de Sorocaba.